

Resiliência e *bullying*: a possibilidade da metamorfose diante da violência

Resilience and bullying: the possibility of metamorphosis before violence

Vera Lucia Vaccari*

311

Artigo de Revisão • Review Paper
O Mundo da Saúde, São Paulo · 2012;36(2):311-317

Resumo

Resiliência e *bullying* são dois termos de uso recente, para situações antigas. Resiliência refere-se à possibilidade humana de recuperar-se diante de adversidades. *Bullying* é uma forma de violência física, verbal ou por meio das ferramentas da internet. Baseia-se em preconceitos de gênero, classe social, cor, raça e outros e ocorre em diferentes espaços, como a escola. A psicoterapia pode contribuir para o fortalecimento da resiliência e a interrupção do círculo de violência do *bullying*, com atendimento individual ou grupal de “vítimas”, “vitimizadores” e “observadores”, orientação familiar e de docentes, produção de materiais e participação em grupos transdisciplinares, em um trabalho de valorização humana, desconstrução de preconceitos e desenvolvimento da autoestima.

Palavras-chave: Resiliência Psicológica. Bullying. Autoestima.

Abstract

Resilience and bullying are two terms of recent use for old situations. Resilience refers to human possibility of recovering from adversity. Bullying is a form of physical or verbal violence sometimes by means of Internet resources. It is based on prejudices due to genre, social class, color, race and other factors and occurs in different spaces such as schools. Psychotherapy may contribute for strengthening resilience and interrupting the circle of violence of bullying, with individual or group care for “victims”, “victimizers” and “observers”, family guidance and to teachers, the production of materials and participation in transdisciplinary groups, in a work of promotion of humane values, deconstruction of preconceptions and development of self esteem.

Keywords: Resilience, Psychological. Bullying. Self Concept.

* Psicóloga. Mestre em Saúde Pública. Supervisora clínica e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo. E-mail: veravaccari@uol.com.br

*A verdadeira esperança sabe que não
tem certeza.
É a esperança não no melhor dos mundos,
mas em um mundo melhor.
A origem está diante de nós, disse Heidegger.
A metamorfose seria efetivamente uma
nova origem.*

Edgar Morin¹

INTRODUÇÃO: DOIS CONCEITOS RECENTES

Edgar Morin, em artigo sobre a metamorfose, afirma que “quando um sistema é incapaz de tratar seus problemas vitais, se degrada ou se desintegra ou então é capaz de suscitar um metasistema capaz de lidar com seus problemas: ele se metamorfoseia”¹.

Metamorfose é para ele um processo simultâneo de destruição e de autorreconstrução, pelo qual a lagarta dá vez à borboleta, embora permaneça o mesmo ser. Em termos das metamorfoses humanas, poderíamos dizer que a transformação pode ser extensa, mas os aspectos mais profundos da identidade permanecem.

Como as fronteiras entre as diferentes ciências são indefinidas e permeáveis, pois todas as áreas são parte do conhecimento humano, interpenetrando-se e completando-se, conceitos provenientes de uma área podem / devem compor outras.

Um dos conceitos utilizados hoje em psicologia – resiliência – foi anteriormente utilizado na física para se referir à “energia de deformação máxima que um material é capaz de armazenar sem sofrer alterações permanentes” (p. 18)². O termo foi incorporado pela psicologia e pela psiquiatria, na década de 1970, e posteriormente pela saúde pública, em especial na promoção da saúde.

Mas nem sempre a utilização de um mesmo termo significa um mesmo conceito, pois a ciência, em sua complexidade, varia histórica e culturalmente. Ou seja, um mesmo conceito pode ser utilizado por diferentes autores com diferentes significados.

Outro conceito de relativa tessitura é o de *bullying*, que pode ocorrer em diferentes ambientes, como empresas, famílias, escolas. Na escola,

essa violência refere-se a práticas que envolvem agressões físicas e/ou verbais a outros alunos, funcionários e professores³.

BULLYING

O *bullying*, tanto o exercido diretamente, em que quem comete a ação é conhecido, quanto o *cyberbullying*, por meios eletrônicos, em que nem sempre é possível localizar o executor, são comportamentos comuns hoje em escolas.

Embora, em uma sociedade de classes, atravessada por outras divisões, como gênero, etnia, origem, faixa etária, profissão, escolaridade e outras, as mais diferentes combinações de preconceitos sejam possíveis, em uma dança macabra e anticidadã, o *bullying* nem sempre é reconhecido como violência.

Esses comportamentos de meninos e meninas podem em algumas situações ser reforçados, ou até mesmo estimulados pelas famílias ou escolas com referenciais impregnados de discurso ou mesmo práticas fundadas no preconceito. Famílias e escolas parecem não saber o que fazer para lidar com a situação e suas possíveis consequências para a saúde dos envolvidos.

Segundo Bandeira⁴, falta consenso sobre um termo em português que defina o significado de *bullying*, fato que também pode estar na raiz da escassez de pesquisas sobre o tema.

Fabis, et al⁵ lembram que o *bullying* é um problema mundial, que ocorre tanto em escolas públicas quanto privadas, e afirmam que, segundo Beaudoin⁶, escolas que negam a existência de *bullying* entre os alunos podem simplesmente desconhecer o problema ou negar-se a enfrentá-lo. Para elas, o *bullying* tem como características a intencionalidade, a repetição, a dor e a angústia.

Para Lisboa⁷, a vitimização ocorre quando não há equilíbrio de poder, de modo que a vítima não tem como evitar a situação ou defender-se das agressões.

Outros autores, porém, têm sérias restrições quanto ao uso do termo *bullying*. Para Antunes e Zuin⁸, o termo não contribui para a emancipação dos indivíduos. Para eles, o conceito de preconceito deveria ser utilizado, pois a expressão *bullying*, importada da literatura internacional,

pode contribuir para mascarar os processos sociais responsáveis pela eclosão da violência. Esse posicionamento merece destaque, pois é importante discutir a construção do conceito e seus significados, em um contexto histórico e cultural específico.

Ao lado das diferentes tentativas de conceitualização, há uma concordância sobre a dificuldade de se reconhecer o comportamento de *bullying*.

Para Seixas (p. 34)⁹, corre-se um risco de se confundir o comportamento de *bullying* com o de brigas entre crianças de idade ou tamanho similar, em situação de igualdade, sem consequências psicossociais duradouras, pois o comportamento agressivo é ocasional. Para ela, o *bullying* é diferenciado pelo caráter repetitivo e pela desigualdade de poder entre os envolvidos, com ênfase na vulnerabilidade e falta de apoio da vítima, que se sente desamparada.

Ao mesmo tempo, Pingoello e Horiguela¹⁰ afirmam que o não reconhecimento do *bullying* como violência contribui para o processo de naturalização da violência nas escolas e banaliza o sofrimento das vítimas. Ao não reconhecer a violência, a escola deixa de adotar medidas para sua prevenção e combate.

O professor pode não agir por diferentes razões, uma delas por não saber o que fazer. Para Fabis, et al, “o não saber fazer dos professores diante dos conflitos, inerentes ao comportamento humano, potencializa uma desordem nas ações que a escola deve tomar como instituição responsável pela formação de cidadãos”.

Essa imobilidade docente leva também a se pensar que essas ações violentas refletem preconceitos partilhados pela comunidade escolar (famílias, professores, gestores, mídia, etc.). Como afirmam Marriel, et al (p. 37)¹¹, a própria instituição de ensino e os docentes são possíveis agentes da violência, ao utilizarem tratamento pejorativo com relação aos alunos, incluindo agressões verbais e exposição ao ridículo.

Gallo e Williams (p. 87)¹² lembram que o aluno agressivo representa um grande desafio para os docentes, que não sabem como lidar com ele e nem sempre encontram respaldo na instituição, e acaba expulso ou convidado a se retirar. Ou seja, o aluno considerado agressivo é estigmatizado.

Há, na literatura, muitas vezes, como apontado por Antunes e Zuin⁸, a atribuição dos comportamentos de violência nas escolas a fatores gerais, como os econômicos, culturais, sociais e individuais, deixando-se de lado as influências e as inter-relações entre os indivíduos.

BULLYING E FAMÍLIA

Ao lado das pesquisas sobre o tema *bullying* na escola na perspectiva do corpo docente e discente, não há textos sobre como as famílias dos autores de atos de *bullying* compreendem a situação.

Um desconforto com relação à literatura sobre *bullying* e família decorre de uma aparente culpabilização da família, como parece ocorrer no texto de Antunes e Zuin⁸, que falam de “clima frio na família”.

Tortorelli, et al¹³, por sua vez, afirmam que o ambiente familiar pode favorecer os comportamentos de *bullying*.

Embora uma das fontes primárias de socialização da criança, a família não é a única. Então, o *bullying* deve ser considerado em um contexto amplo, que envolva as relações de poder na sociedade e entre pessoas. A busca de “sinais de bruxa”, que levaram milhares de pessoas às fogueiras, ou a responsabilização da “frieza materna” por síndromes como o autismo servem de alerta para o risco de se considerar um único agente em um fenômeno de múltiplas causas.

BULLYING E SEXUALIDADE

Embora muitos autores, como Seixas⁹, mencionem as ofensas verbais como *bullying*, poucos se debruçam sobre o tema do conteúdo explícito dessas ofensas, que parecem ter na sua maioria um caráter relacionado ao gênero, em especial ao controle do comportamento, seja por considerar quase prostitutas as meninas, seja em relação à homofobia.

Em texto específico sobre *bullying* e homossexualidade, Barduni Filho e Sousa¹⁴ afirmam que os xingamentos mais comuns são aqueles relacionados à sexualidade das vítimas, utilizados para fragilizar a criança.

BULLYING E SAÚDE

O conceito de saúde da OMS¹⁵ (perfeito bem-estar físico, psíquico e social) representa um avanço, por ir além do físico e valorizar outros aspectos da vida humana, embora seja criticado por alguns autores, por ser de difícil operacionalização ou outras razões, conforme Lasch¹⁶. Mas, sendo o humano uno e indivisível, ao mesmo tempo agente e sujeito da interação biopsicossocial, qualquer divisão atende a fins didáticos.

No que se refere ao *bullying*, há certa concordância dos autores em associá-lo a situações de grande mal estar psicológico e social, não só para quem pratica e para quem sofre a ação violenta, mas também para os assim chamados observadores.

A saúde social (a possibilidade de interação entre pares, por exemplo) e a própria possibilidade de escolarização podem ser afetadas pelo *bullying*, pois, segundo Damke e Gonçalves¹⁷, a agressão contínua pode levar ao afastamento do aluno do ambiente escolar.

Além da expulsão da escola, devem ser também considerados o isolamento a que muitas vezes são submetidos alunos, tanto praticantes quanto vítimas do *bullying*, conforme lembrado por, entre outros, Seixas⁹, Gallo e Williams¹².

Fabis, et al⁵ afirmam que “A prática de *bullying* tem causado sofrimento e desorganização na vida dos educandos, podendo também ocasionar depressão, evidenciada em situações de alunos que iniciaram tratamento com medicamentos em decorrência do *bullying* sofrido na escola”.

Outros autores, como Marriel¹¹ e outros, consideram que o praticante de *bullying*, por sua vez, também sofre de problemas de autoestima e depressão. Além disso, consideram que o praticante pode ter sido uma vítima do *bullying* em outro momento do seu ciclo escolar.

Taralli¹⁸ explica esse processo em termos psicodinâmicos: “Como a intensidade do sofrimento depende da relação sistêmica entre a magnitude do evento e a capacidade e força do ego que a sofre, pode-se entender que, quanto mais for possível prever e acionar defesas, menos graves serão os eventuais adoecimentos psíquicos decorrentes dos danos sofridos”. Embora haja uma

desestabilização do psiquismo, ele permanecerá em parte ligado à realidade, graças à manutenção de defesas organizadas. A pessoa agredida tenderá a desenvolver ansiedade e estresse.

Mas, quando não há possibilidade de preparo e defesa, o psiquismo é invadido pela ação, restando-lhe, em um primeiro momento, apenas buscar entender seu significado e suportar a angústia e a dor. Essas situações de violência, nas quais o psiquismo tende a se desorganizar, temporária ou definitivamente, geram angústia e patologias disruptivas¹⁸. Para a autora¹⁸:

Maiores recursos de prevenção e defesa, entretanto, não significam menor sofrimento. Aquele que é objeto de *bullying* poderá ser prisioneiro de uma visão de si mesmo bastante prejudicada, pois ser alvo de *bullying* resulta numa autoimagem de incapacidade e impotência, acrescida por sentimentos de desvalorização e abandono.

Dependendo de como a criança vive essa situação, ela pode construir pensamentos inconscientes de vingança e suicídio, ou manifestar comportamentos agressivos ou violentos¹⁸. Esse último seria o caso de “vítima” que se transforma em “vitimizador”.

RESILIÊNCIA

Desde a década de 1970, o conceito de resiliência vem se modificando nas áreas da psicologia. “Já foi entendido como sinônimo de invulnerabilidade, como capacidade individual de adaptação bem-sucedida em um ambiente ‘desajustado’ e como qualidades elásticas e flexíveis do ser humano” (p. 18)².

Segundo os mesmos autores, as pesquisas buscavam compreender se a capacidade de resiliência era fruto da constituição individual ou fruto da interação entre o subjetivo e o meio. Essas pesquisas parecem ter dado origem à compreensão da resiliência como uma capacidade de sucesso pessoal diante de um meio social desajustado. Assim, seriam resilientes pessoas criadas em um ambiente desfavorável que não apresentassem comportamentos indesejados. O risco inerente a essa visão é que resiliência pode ser entendida de forma ideológica, transformando-se em um atributo que se teria ou não, o que pode-

ria levar à rotulação de pessoas de grupos mais vulneráveis como não resilientes, dando espaço a considerações simplistas.

Hoje, a resiliência é compreendida não como um atributo estável do indivíduo, mas sim como um processo dinâmico, colocado em marcha após o evento traumático, indo além da superação da adversidade¹⁹. Ela opera na presença do risco, não para evitá-lo ou eliminá-lo, mas sim para produzir características saudáveis (Barbosa apud Araújo, p. 19)¹⁹. Em outras palavras, está “ancorada em dois grandes polos: o da adversidade, representado pelos eventos desfavoráveis, e o da proteção, voltado para a compreensão de fatores internos e externos ao indivíduo, mas que o levam necessariamente a uma reconstrução singular diante do sofrimento causado por uma adversidade” (p. 19)².

Ser resiliente não significa ser invulnerável, mas ter uma capacidade de, diante de uma situação estressante, reconhecer o perigo e sentir-se por ele atingido. Embora marcada pela experiência, a pessoa demonstra capacidade de se recuperar e prosseguir. Ou seja, embora o ambiente apresente riscos, apresenta também fatores que podem proteger a pessoa, possibilitando a construção da resiliência²⁰.

Silva, et al (p. 151)²⁰ listam os fatores de proteção apontados por Cyrulnik²¹, os quais atuam de forma complementar: “temperamento da criança, flexível, confiante e capaz de buscar ajuda exterior; o contexto afetivo no interior do qual a criança vive seus primeiros anos; um clima familiar que aporte a segurança necessária para que desenvolva a confiança em si mesma e nos outros”. Outros fatores de proteção incluem: os cuidados responsáveis e constantes dirigidos à criança; as expectativas positivas nela depositadas; as relações de apego seguro; a coesão entre os membros da família, a existência de pelo menos um adulto verdadeiramente interessado na criança, capaz de bem cuidá-la e protegê-la, mesmo na ausência de responsabilidade dos pais, assim como a sensibilidade materna que, juntamente com o suporte social são, segundo Silva²⁰, capazes de reduzir substancialmente os problemas emocionais e comportamentais, principalmente para crianças que crescem em ambientes com maiores desvantagens.

Pinheiro²² cita Masten e Garmezi, que identificaram três classes de fatores de proteção: atributos da criança (dentre os quais citam atividade, autonomia, orientação social positiva, autoestima e similares); atributos da família (coesão, ausência de conflitos, presença de um adulto interessado); e “disponibilidade de uma rede de apoio social bem-definida e com recursos individuais e institucionais igualmente bem-definidos”.

Pesquisas recentes^{23,24,25,26} apontam novas diretrizes para o estudo da resiliência, instigando um amplo campo de discussão, a saber, a importância da interpretação dada pelo indivíduo acerca das adversidades, como mais significativa que os fatores de risco propriamente ditos. Dessa forma, a reflexão e a interpretação dos fatos tornam-se características fundamentais nas pessoas resilientes: por um lado, a questão do individual e do singular acentua-se, pois as pessoas podem responder de maneiras diferentes diante de adversidades semelhantes (uma mesma situação de vida pode ser interpretada por alguns como perigo e para outros como desafio); porém, ao mesmo tempo faz-se necessário considerar que a resiliência não depende apenas de traços e disposições pessoais e individuais. É necessário discutir a resiliência nas famílias, nas instituições, nos grupos...

BULLYING E RESILIÊNCIA: A BUSCA DE SOLUÇÕES

Segundo Pinheiro²², para muitos autores^{24,26,27,28,29}, a resiliência não é um atributo fixo, sofrendo mudanças ao longo do tempo. Assim, pode aparecer em diferentes grupos étnicos, de diferentes níveis socioeconômicos e diferentes contextos culturais. A resiliência não é uma qualidade que nasce com o indivíduo e, ainda, é muito mais do que uma simples combinação de condições felizes. Devem ser levadas em conta as qualidades do próprio indivíduo, o ambiente familiar favorável e também as interações positivas entre esses dois elementos. Para Trombeta e Guzzo²⁶, é necessário buscar o entendimento das respostas sadias e adaptativas dos indivíduos em situações estressantes ou adversas, em vez de identificar fatores de risco e etiologia dos problemas; portanto, entender a dinâmica e não somente os fatores etiológicos.

A resiliência, ao não ser estática, imutável, pode ser construída e reconstruída ao longo da vida, graças à possibilidade humana de aprender e de atribuir novos significados a experiências.

Do texto de Taralli¹⁸, é possível depreender que “a intervenção diagnóstica, preventiva e psicoterápica, além de esforços interdisciplinares conjugados, por toda a comunidade escolar”, podem contribuir para a mudança do ciclo de dor e violência. Ou seja, psicoterapeutas têm muito a contribuir nesse processo de superação por meio da reconstrução ou fortalecimento da resiliência, ao oferecer novas possibilidades de ressignificação de vínculos e de renovação dos sentidos da autoestima e da autoeficácia.

Essa contribuição pode ocorrer de diferentes formas: pelo trabalho psicoterapêutico individual e grupal com alunos (“vítimas”, “vitimizadores” e “observadores”), pela orientação a famílias e docentes, pela produção de novos materiais, pela participação em grupos transdisciplinares e de muitas outras formas, dependendo da experiência e da criatividade de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

1. Morin E. Elogio da metamorfose. Instituto Humanitas Unisinos, 11 de janeiro de 2010 [acesso 20 Out 2011]. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/28829-elogio-da-metamorfose-artigo-de-edgar-morin>
2. Assis SG, et al. Resiliência. Enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed; 2006.
3. Sposito M. Percepções sobre jovens nas políticas públicas de redução da violência em meio escolar. Pro-Posições. 2002;13(3):39.
4. Bandeira CM. *Bullying*: autoestima e diferenças de gênero [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2009.
5. Fabis CS, et al. Identificando e enfrentando o *bullying* nas Escolas públicas e privadas de Poá através de Círculos Restaurativos. Anais do X Salão de Iniciação Científica. PUCRS; 2009.
6. Beaudoin MN. Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escola. Trad Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed; 2006.
7. Lisboa CSM. Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção [tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2005.
8. Antunes DC, Zuin AAS. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Psicol Soc. 2008;20(1):33-42.
9. Seixas SRPM. Comportamentos de *bullying* entre pares: – bem-estar e ajustamento escolar [tese]. Lisboa: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação; 2006.
10. Pingoello I, Horiguela MLM. *Bullying* na sala de aula. De Jure Rev Jurídica MPMG. 2010;15.
11. Marriel LC, et al. Violência escolar e autoestima de adolescentes. Cad Pesq. 2006;36(127):35-50.
12. Gallo AE, Williams LCA. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. Psicol Teoria Prática. 2005;7(1):81-95.
13. Tortorelli MFP, et al. Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo. Psicol Teoria Prática. 2010;12(1):32-42.
14. Barduni Filho J, Sousa DL. A questão da homossexualidade e o *bullying*. Comunicação Individual. VII Congresso Nacional de Educação. Saberes Docentes; 2008 [acesso 6 Jul 2011]. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/367_950.pdf
15. OMS. Organización Mundial de La Salud. Preguntas más frecuentes. Cuál es La definición de salud según la OMS [coletado 20 Jun 2012]. Disponible en: <http://www.who.int/suggestions/faq/es/index.html>

Lidar com o *bullying* não significa expor “vítimas”, “vitimizadores” ou “observadores” a situações vexatórias. Significa romper o ciclo de violência, contribuindo para o desenvolvimento de uma autoestima baseada nos valores da equidade e na aceitação da alteridade. E também reconhecer que é possível superar o sofrimento psíquico, sem revide e na perspectiva da ação pelos direitos de cidadania, com o fortalecimento de uma atitude de autoaceitação, de autoconfiança, de autoestima, em suma, de resiliência. Assim se torna possível educar cidadãos resilientes, que possam lutar contra as adversidades de forma criativa, buscando soluções que vão além do simples aprender a revidar e a manter o círculo vicioso da violência de qualquer tipo.

Pode ser um trabalho lento, que pareça pequeno em relação à magnitude do problema do *bullying* escolar, mas, com certeza, é muito melhor viver em um mundo repleto de borboletas do que de tristes lagartas encerradas em casulos que se tornaram prisões.

16. Lasch LC. Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada? Trad Ítalo Tronca e Lúcia Szmerecanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1991.
17. Damke AS, Gonçalves JP. A concepção de *bullying*: expressões de violência no ambiente escolar. Comunicação Individual. VII Congresso Nacional de Educação. Saberes Docentes; 2008 [acesso 6 Jul 2011]. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-219-07.pdf>
18. Taralli IH. Considerações psicodinâmicas sobre violência nas escolas. São Paulo: Constr psicopedagógicas. 2011 [acesso 19 Mar 2012]; 19(19). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542011000200004&lng=pt&nrm=iso
19. Araújo CA, et al. Resiliência. Teoria e práticas de pesquisa em Psicologia. São Paulo: Ithaca books; 2011.
20. Silva MRS, Elsen I, Lacharite C. Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. Paidéia Ribeirão Preto. 2003 [acesso 19 Mar 2012];13(26). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2003000300003&lng=pt&nrm=iso
21. Cyrulnik B. Les vilains petits canards. Paris: Odile Jacob; 2001.
22. Pinheiro DPN. A resiliência em discussão. Maringá Psicol Estud Maringá. 2004 [acesso 18 Mar 2012];9(1). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lng=en&nrm=iso
23. Brofenbrenner U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
24. Yunes MAM. A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.
25. Yunes MAM, Szymanski H. Resiliência e educação. São Paulo: Cortez; 2001.
26. Trombeta LH, Guzzo RSL. Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes. Campinas: Alínea; 2002.
27. Masten AS, Garmezy N. Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In: Lahey B, organizador. Advances in clinical child psychology. New York: Plenum Press; 1985. p. 1-52.
28. Luthar SS, Cicchetti D, Becker B. The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. Child Development. 2000;71(3):543-62.
29. Rutter M. Resilience concepts and findings: implications for family therapy. J Family Therapy. 1999;21:119-44.